

## **CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE PESQUISA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: APROXIMAÇÕES A PARTIR DA VIVÊNCIA DO TRABALHO DE CAMPO**

Daniel Luiz Poio Roberti; Marcella Ramos Constantino; Natália Paiva de Souza dos Santos;  
Isabely Cândida Carvalho Santos; Carlos Marclei Arruda Rangel

*Universidade Federal Fluminense – [daroberti@yahoo.com.br](mailto:daroberti@yahoo.com.br); UFF – [marcella\\_constantino@hotmail.com](mailto:marcella_constantino@hotmail.com);  
UFF – [n\\_paiva@ymail.com](mailto:n_paiva@ymail.com); UFF – [isabely\\_cs@hotmail.com](mailto:isabely_cs@hotmail.com); UFF – [carlosmarclei@id.uff.br](mailto:carlosmarclei@id.uff.br)*

### **Introdução**

O projeto pesquisou propostas metodológicas e curriculares que visam discutir formas de mapear o espaço pela criança. É um projeto de pesquisa e extensão que contribui com a formação de professores da rede municipal de Angra dos Reis, principalmente, os que lecionam na creche e pré-escola, campo de pesquisa. O projeto buscou abrir “frentes de diálogos” com as áreas temáticas dos Estudos sociais da Infância, Educação, Psicologia do desenvolvimento, Cartografia e Geografia escolar. Parte dos sujeitos desta pesquisa são crianças com idade escolar entre 4 e 6 anos que pensam, vivem e sentem o espaço.

A principal justificativa, de dimensão acadêmico-científica, para o desenvolvimento do projeto é a introdução de uma área de conhecimento e um eixo temático pouco discutido no currículo da educação infantil. Geografia e Cartografia não são prioridades da literatura científica do campo e das políticas curriculares oficiais. Por muito tempo, as discussões teóricas do campo da infância ficaram restritas ao processo de alfabetização e competência na escrita da língua portuguesa, muito em função dos alarmantes índices de reprovação nas séries iniciais (SOARES, 2000).

O projeto procurou problematizar os papéis assumidos pelo adulto e pela criança na pesquisa, a partir de um olhar menos autoritário do primeiro em relação ao segundo. Pretendemos nos apropriar das discussões advindas do campo da Educação sobre o construtivismo pedagógico para entendermos mais esse tema.

Estamos convencidos de que há uma relação entre os Estudos sociais da Infância e o campo do construtivismo pedagógico, quando este, rechaçando o modelo de ensino tradicional, defende que o aluno (criança) produza conhecimento sobre o mundo. A figura do professor (adulto) é imprescindível nesse debate, porque ele é o responsável por mobilizar uma série de estratégias metodológicas com vistas a facilitar a (des)coberta da realidade pelo aluno. Por isso, afirmamos que a relação entre professores e alunos se torna indissociável no processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos que essa relação possa ser tornar um valioso dado para a nossa pesquisa. Uma das formas da humanidade relacionar-se com o mundo é através do espaço. Mas não é o tipo de espaço fragmentado, congelado e precisamente memorizado pelos alunos em algumas aulas tradicionais de Geografia. O geógrafo Milton Santos (2000) descrevia o espaço, apresentando rugos, sem o devido alinhamento geométrico da sua representação no mapa. Os rugos são os movimentos humanos de transformação do espaço que não foram grafados pelo mapa oficial. O mapa é umas das formas possíveis de representação e registro gráfico do espaço. O mapa oficial, produzido por um órgão institucional, generaliza um jeito de representar uma dada realidade espacial. Na tentativa de registrar estes movimentos pelo mundo, alguns estudos foram desenvolvidos nesta direção.

Os mapas vivenciais se baseiam nos pressupostos da teoria histórico-cultural, principalmente a partir dos conceitos de vivência e reelaboração criadora que aparecem em obras diversas do psicólogo bielorrusso Lev Vigotski (2009). A teoria-histórico cultural foi desenvolvida na URSS dos anos 30 do século XX na busca de “ (...) reunir num mesmo modelo explicativo, tanto os mecanismos subjacentes ao funcionamento psicológico como a constituição de sujeito e da espécie humana ao longo de um processo histórico-cultural.” (OLIVEIRA, 2005, p. 8).

A vivência é um conceito que descontrói a visão do positivismo moderno, porque entende o homem relacionado ao contexto histórico e ao meio. Apesar de assumirmos que o contexto histórico e espacial influenciam determinadas escolhas do homem, gostaríamos de ressaltar que ele tem total autonomia para fazê-las. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi construir um mapa da creche com a participação das crianças, funcionários e professores da referida instituição de ensino, a partir da metodologia dos mapas vivenciais. Atualmente, a ação extensionista está promovendo visitas para o (re)conhecimento da creche e do bairro, em que esta se localiza.

## **Metodologia**

Elaboramos determinados procedimentos com vistas à implementação da ação pesquisa:

Primeira atividade prática visava facilitar o desenvolvimento espacial da criança. Fizemos passeios na creche e no bairro da mesma, com o intuito de construirmos mapas topológicos com o reconhecimento dos tipos de perspectivas espaciais (LESSAN, 2011; PAGANELLI, 1982; SIMIELLI, 1996). Os alunos tiraram fotos dos espaços visitados e os representaram

através de desenhos. Depois, apresentamos a imagem da creche, a partir do *google maps*. O objetivo dessas atividades foi discutir a mudança da perspectiva visual do espaço (visão horizontal/vertical da realidade). Elas facilitam o desenvolvimento da metodologia dos mapas sobre as vivências.

A segunda fase da pesquisa se preocupou com as formas de registrar os usos dos espaços do CEMEI Vilton Eurico pelas crianças. A prática dos mapas sobre as vivências trabalha com a colocação de pranchas de papel vegetal sobre o mapa oficial da creche para que as crianças, funcionários e professores desenhem suas vivências, criando mapas autorais. Os pesquisados representam o que é mais significativo no espaço da creche para eles.

A terceira fase é a da realização das entrevistas. Os entrevistados serão convidados a descrever os seus desenhos. O pesquisador irá interrogar os alunos, funcionários e professores para tentar descobrir o porquê das escolhas de suas representações.

Última fase, avaliação e discussão dos dados obtidos (desenhos e gravações) com os participantes da metodologia de pesquisa com o intuito de selecionar falas e representações que vão estar presentes no mapa vivencial da creche. A ideia é que todos os participantes da pesquisa (professores, funcionários e alunos das duas instituições) debatam formas de representar o mapa vivencial da creche.

## **Resultados e Discussão**

Toda a literatura científica do campo da cartografia escolar (LESSAN, 2011; PAGANELLI, 1982; SIMIELLI, 1996) defende que apenas as crianças entre 8 e 9 anos de idade, conseguem compreender a perspectiva vertical do espaço. Elas possuem a competência de leitura e representação do mapa oficial; por isso, toda a prática/discussão teórica e ensino de cartografia só vão aparecer no currículo a partir do primeiro segmento do ensino básico. A presente pesquisa demonstra que as crianças, quando estimuladas, através de exercícios de cartografia, que levem em conta a vivência delas no espaço; elas conseguem compreender a representação do espaço visto de cima.

## **Conclusões e Referências.**

A pesquisa se encontra articulado ao núcleo de conhecimento em que os coordenadores do projeto fazem parte. As disciplinas, lecionadas pelos coordenadores, pertencem ao campo da Cartografia e da Educação no curso de Geografia

da UFF de Angra dos Reis. Este curso, em particular, passa por um processo de reforma curricular com revisão de ementas de disciplinas.

Assim sendo, os proponentes do projeto têm interesse em ampliar o debate sobre o objeto em questão, incentivando o diálogo e a troca de experiências entre professores da educação infantil da creche, campo de pesquisa. Cada vez mais, esses professores participam das atividades desenvolvidas na ação extensionista.

Gostaríamos que essas discussões fossem, de alguma forma, incorporadas aos conteúdos das disciplinas de Cartografia e Cartografia Escolar do curso de Geografia/UFF e na orientação curricular da educação infantil de Angra dos Reis para que de alguma maneira transformássemos às práticas de Geografia e Cartografia dos professores da graduação da UFF e das séries iniciais do ensino básico, envolvidos no projeto.

A outra contribuição real do projeto vincula-se a formação acadêmico-escolar dos alunos de licenciatura, integrantes do projeto, que desenvolverão um conjunto de técnicas, práticas e conhecimentos acerca do tema de pesquisa, transformando-se numa interessante ferramenta de iniciação à docência no segmento básico de ensino.

## **Referências**

LESSAN, Janine. **Geografia no ensino fundamental I**. BH: Fino Traço, 2011

LOPES, Jader Janer Moreira. Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequenas. **Geografares**, n. 12, p. 211-227, 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. Educação como Exercício de Diversidade, p. 61, 2005.

PAGANELLI, Tomoko Iyda. **Para a construção do espaço geográfico na criança**. Dissertação de mestrado. FGV/IESAE, 1982.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização. Rio de Janeiro**: Record, 2000.

SIMIELLI, Maria Elena. **Cartografia e ensino – Proposta e contraponto de uma obra didática**. Tese de livre-docência apresentada ao Departamento de Geografia da FFCLH. Universidade de São Paulo, 1996.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VIGOTSKI, Lev **Semionovitch. Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, p. 16, 2009.